

FELIPE PENA

O ANALFABETO
QUE PASSOU NO
VESTIBULAR

Ficção Jornalística

Para meus filhos, quando os tiver.

“Noventa por cento do que escrevo é invenção. Só dez por cento é
mentira”

(Manoel de Barros)

SUMÁRIO

Prólogo

1. O Reitor
2. Os departamentos
3. A empresa
4. Os conselheiros
5. O vestibular
6. A repórter
7. O ensino
8. A pós-graduação
9. A pesquisa
10. Os professores
11. A concorrência
12. O marketing
13. O provão
14. A cidadania
15. Os cursos gratuitos
16. Os bacharéis
17. Os cursos técnicos
18. Os funcionários
19. O crescimento
20. A falência
21. O animal
22. O jogador
23. O economista
24. A rampa
25. A televisão
26. O divã
27. O deputado
28. O destino
29. Os doutores

Posfácio

Agradecimentos

PERSONAGENS PRINCIPAIS:

1. Adriana Maia – estudante de farmácia do campus Tijuca.
2. Jaime Ortega – reitor e dono da Universidade Bartolomeu Dias.
3. Antonio Pastoriza – diretor da faculdade de psicologia da Bartolomeu Dias.
4. Lucas – analfabeto, funcionário da Bartolomeu Dias.
5. Manoel Capacho – conselheiro da Bartolomeu Dias (marketing).
6. Gabriel Ortega – filho de Jaime. Conselheiro da Bartolomeu Dias (expansão).
7. Henrique Freitas – conselheiro da Bartolomeu Dias (finanças).
8. Nicole Barros – repórter de TV e professora da Bartolomeu Dias.
9. Ignácio Rover – detetive. Chefe da segurança da Bartolomeu Dias.
10. Durval Santos – sub-reitor de Ciências Humanas da Bartolomeu Dias.
11. Joaquim Vasconcelos – delegado. Chefe de polícia civil.
12. Raul Silvério – dono do Centro Universitário Provinciano.
13. Tetê – professora da Bartolomeu Dias. Coordenadora do laboratório de farmácia.
14. Patrick Walton – líder dos investidores americanos.

Os personagens, as instituições e as situações desta obra são reais apenas no universo da ficção; não se referem a pessoas ou lugares específicos, nem emitem qualquer opinião.

PRÓLOGO

Quando os tiros começaram, Adriana já estava descendo o Morro do Borel. O ruído seco e intermitente era inconfundível. Fuzis AR-15, AK-47, *Sig Sauer*. Com munição capaz de atravessar os carros blindados dos figurões da sociedade carioca, pseudo-protegidos em sua arrogância metálica com pneus *firestone* e vidros duplos. Os mesmos que financiavam os traficantes por um pouco de brilho na noite de Ipanema. Que entupiam as narinas de pó e fumavam a própria dignidade em busca de uma dose violenta de qualquer coisa. Que avançavam sinais e furavam filas. Que davam esmola na rua e perdiam a carteira para o pivete da bicicleta. Que tinham medo da empregada favelada ou do filho do porteiro brincando com sua prole dourada nos jardins de condomínios fechados, entre balaústres e preconceitos. A cidade partida. O Rio de Janeiro dos estereótipos confirmados pelo noticiário policial, e entorpecido como um poema de Allen Ginsberg.

Tá tudooo dominadooooo, pensou, repetindo um velho refrão de baile funk, enquanto corria em fuga pelos becos da favela, pulando latas de lixo e derrubando os varais de roupa pelo caminho. Sempre pensava nas letras daquele tipo de música quando entrava em desespero. Não sabia o motivo. Simplesmente acontecia. Não chorava, não tremia, não gritava. Só conseguia repetir os versos populares do batidão, o ritmo mais tocado nas festas de comunidades carentes que ela freqüentava desde que entrara para a faculdade de farmácia. Algumas disciplinas do curso exigiam a participação em trabalhos comunitários, o que acabava aproximando os jovens universitários de classe média das opções de lazer dos favelados. No Borel, então, a presença dos estudantes era ainda maior, pois a universidade de Adriana, na zona norte do Rio, ficava praticamente dentro do morro, com os muros que a separam da favela tomados por barracos de madeira podre e alvenaria desbotada. Fronteiras tênues, quase inexistentes.

A saraivada de balas não a assustou. Não era esse o motivo de seu desespero. Como os tiroteios eram constantes, os alunos tinham a capacidade de identificar a procedência da munição. Faziam até brincadeiras de adivinhação e bancas de aposta. Para eles, nada mais banal do que a violência. O homem que a perseguia usava uma pistola colt 45, não tinha um fuzil. Portanto, ela não era o alvo daqueles tiros. Pelo menos, ainda não. Enquanto pudesse se deslocar pelos becos que conhecia estaria protegida pelo caos de

tijolos empilhados na cartografia irregular do morro. Mas precisava chegar até o campus e se misturar entre os colegas.

Pra subir lá no moooooorro atééé o BOPE treeeme; não tem mole pra civil, também não tem praaaaaa PM. Pensou em outro sucesso dos bailes. *Os alemães vão pra vala, Uh!, Uh!.* Era o refrão preferido. O funk fora criado como expressão cultural das comunidades, mas as letras relacionadas ao crime se multiplicavam a cada dia. Os eventos só podiam ser realizados com a permissão dos traficantes. Em alguns casos, eles faziam até a segurança contra os “alemães”, que podiam ser tanto bandidos rivais como a própria polícia, também identificada pelo carinhoso apelido de *os vermes*. Uma guerra particular, cujos lados nem sempre eram facilmente determinados. Havia os policiais corruptos, responsáveis principalmente pelo fornecimento de armas e pela escolta dos bondes, as famosas caravanas de carros roubados que levavam as drogas até o morro. Havia também os informantes, conhecidos como X9s, que se infiltravam nas quadrilhas ou simplesmente deduravam os marginais. E, no meio do conflito, é claro, a grande maioria: os moradores das áreas pobres da cidade. Poderia ser o enredo de um filme *noir*, mas era a pura realidade carioca. Quase inverossímil de tão verdadeira.

A poucos metros de um portão enferrujado que era utilizado como rota de fuga pelos traficantes, ela tropeçou em um pneu velho cheio d’água e rolou por uma pequena ribanceira até cair na laje de outro barraco, onde estavam duas crianças de quatro e cinco anos em companhia da mãe, cuja reação foi de absoluta indiferença, limitando-se a levar os filhos para baixo e evitar o contato visual com a fugitiva.

A superfície áspera do cimento não amorteceu a queda. Adriana sentiu uma dor aguda durante o choque da omoplata com o solo. Havia pequenas pedras misturadas a cacos de vidro, além de pedaços de cerâmica em forma pontiaguda. O ombro direito se deslocou, pressionando o músculo e causando uma luxação. No rosto e nas mãos, vários ferimentos provocados pelos objetos cortantes. Um pequeno filamento de sangue escorreu pela cabeça, empapuçando os cabelos lisos, bem tratados, e turvando os olhos verdes, quase escandinavos.

Eu só queeeero é ser feliz. Andar tranqüilamente na faveeeela onde eu nasci. E poder me orgulhaaaaaar... De quê? Orgulhar de quê? Mesmo os funkeiros e rappers mais politizados reconheciam a baixa auto-estima dos pobres pretos favelados, a trilogia da exclusão na cidade maravilhosa. *Essa letra não faz sentido algum.* Não fazia mesmo. A pobreza sempre fora discurso de intelectual ou político em véspera de eleição. Nunca houve ações coordenadas entre poder público e sociedade civil para a inclusão social,

outro termo gasto. Clichê da esquerda saudosista de Stalin. Assim como *cidadania*, a palavra mais *clichelenta* das páginas empoeiradas do dicionário. Aliás, essa era a palavra preferida dos professores de Adriana. O que, para ela, não fazia o menor sentido, já que o próprio dono da universidade onde estudava tinha uma opinião bem clara sobre o assunto. *Não estou interessado no Brasil, nem na solidariedade, muito menos na cidadania*. Declarações polêmicas, que haviam sido manchete nos principais jornais do país e estampavam a filosofia daquela instituição de ensino. Mas, pelo menos, era um posicionamento. Mostrava o verdadeiro objetivo da educação: a ascensão social. E a escola nem deveria ser para todos. *A realidade da vida não é estudar. Estudar é uma opção. Quem quiser faz, quem não quiser não faz. E não fica pior por isso*. O homem gostava mesmo da controvérsia, mas, pelo menos não era hipócrita. Ela até simpatizava com o sujeito.

Como a grande maioria dos universitários brasileiros, Adriana estudava em uma faculdade privada que havia sido sua quarta ou quinta opção no vestibular, já que as vagas no ensino público superior eram escassas. Nos dois primeiros anos do curso, pagara a mensalidade com o salário de recepcionista em um laboratório na zona sul do Rio, mas, nos últimos seis meses, pôde abandonar o emprego graças a um novo trabalho, muito mais rentável, só que muito mais perigoso. O mesmo que a tinha colocado na situação que estava vivendo agora. *Com essa grana, saio da miséria. É minha salvação*. Ao aceitar a proposta, ela aceitava também os riscos. Não poderia reclamar. E não reclamaria.

A queda na laje chamou a atenção do homem que a perseguia. Um grito encarniçado, de quem não consegue conter a dor, ecoou pela favela, e, por alguns momentos, abafou o som beligerante do lugar. Guiado pelo ruído estridente, quase um uivo de sofrimento, o homem imediatamente mudou a rota e dirigiu-se para o lado oeste do morro, em direção à universidade. Apesar de não pertencer à comunidade, passou despercebido pelos moradores. Nem a correria e a fisionomia incomum foram notadas.

Adriana se levantou com dificuldade. Enxugou o sangue no rosto, improvisou uma tipóia com o casaco de moletom e tirou alguns cacos de vidro do tornozelo. Tentou fazer tudo isso em movimento, mas a dor atrapalhou seus planos. Teve que parar por alguns instantes, recompor o fôlego, pensar. Pela primeira vez, teve medo. Nenhuma letra de funk veio à sua cabeça. A queda não só atrasou a fuga, como permitiu que o perseguidor encontrasse seu rastro. Era preciso correr, mas as pernas não respondiam.

Mesmo mancando e sem conseguir mexer o braço direito, Adriana empurrou o portão enferrujado e entrou na universidade. Quando chegou à metade do estreito corredor que leva à cantina do curso de farmácia, olhou para trás. O reflexo da arma prateada não permitiu que ela visse o rosto de quem estava com o dedo no gatilho. Mas os contornos da face, escondidos pela penumbra, pareceram familiares. A voz grave, rouca, ameaçadora, confirmou suas suspeitas:

- Eu só quero a letra, menina. Nada vai te acontecer. Me dá a letra.

- De jeito nenhum – respondeu a fugitiva, em um grunhido de som quase inaudível.

Ela ainda chegou até as mesas onde os colegas de faculdade almoçavam, mas não teve tempo de dar uma segunda olhada no homem da voz rouca. O impacto da bala que a atingiu nas costas jogou seu corpo contra os bancos de cimento, fixados no solo. Dezenas de estudantes vestidos de branco entraram em pânico e correram para as escadas inferiores. O caos se intensificou com a multiplicação de rajadas de fuzil oriundas da favela, que agora pareciam muito mais próximas. Em poucos segundos, o refeitório estava completamente vazio. Restava apenas o corpo de Adriana, estirado no chão, em decúbito dorsal, com os joelhos flexionados e a mão esquerda fechada. A seu lado, uma pequena mochila, que ela carregara durante toda a fuga.

Nos momentos seguintes, a única testemunha da ação foi a câmera de vídeo ligada ao computador central da segurança do campus. Por suas lentes, foi possível ver o perseguidor se aproximar da menina, colocar a mão em seu pescoço para medir os batimentos e pegar a mochila que estava no chão. Antes de correr de volta para o portão, em direção à favela, ele percebeu a inconveniente presença daquele olho eletrônico. Não adiantou praguejar. Ao notar que fora filmado, ele só piorou a situação, pois encarou o equipamento, deixando seu rosto em foco, num plano americano, gravado no HD do computador. Ao correr, não teve tempo nem para imaginar quem estava do outro lado do monitor.

Adriana ainda esboçou uma reação, tentando ficar consciente. Mexeu as pálpebras levemente, contraiu o rosto, abriu os olhos, enrugou a testa, mas não conseguiu sentir as pernas. Estranhamente, não havia nenhum tipo de dor, como se o corpo todo estivesse anestesiado. Só o raciocínio parecia intacto. E o primeiro pensamento foi óbvio. Do punho cerrado escorreu um pedaço de papel amassado com inscrições em tinta preta parecendo uma espécie de código ou poema infantil. A visão daquela pequena folha motivou um sorriso largo, imediatamente seguido de um semblante de preocupação. A letra estava com ela, mas, diante de seu estado, não seria por muito tempo. Só teve dois

minutos para executar o precário plano que imaginou para salvar seu segredo, antes de desmaiar novamente.

Na favela, os tiros cessaram. No lugar das balas, a batida do funk na caixa de som do barraco vizinho à universidade. *O natural do Rio é o batidããããõoooo! A playboyzada e os manu do morrããããooo! Eu peço a Deus para que olhe por nós. Já perdi vários amigos, mas não calaram a minha voz!*

1 – O Reitor

A metáfora de comandante do navio não é banal. É concreta, precisa, quase literal. Pela janela do escritório, na cobertura onde mora, Jaime Ortega vê apenas o mar. Nem a areia da praia da Barra está ao alcance dos olhos. Muito menos os transeuntes apressados do calçadão, com seus bonés da *nike*, tênis *reebok* comprados em Miami, relógios *bulgary*, calcinhas *Victoria Secret*, óculos *diesel* e outros acessórios indispensáveis à sociedade emergente do bairro. Homens de meia idade, cujas safenas foram o preço do patrimônio adquirido, dividem a passarela esportiva com deslumbrantes e deslumbradas cocotas de corpos esculpidos em uma das 350 academias de ginástica da região. Algumas olham debochadamente para as mulheres mais velhas, que fogem ao arquétipo local, outras apenas cortejam maridos carentes ou já são, de fato, esposas de velhos babões que em breve perderão a casa, o carro de luxo e a guarda dos filhos em um processo de divórcio.

A Barra da Tijuca é uma fauna em equilíbrio homeostático. A cadeia alimentar está bem definida. Não é difícil perceber quem come a carne ou vive dela. Nem observar os vegetarianos, ruminando celulose em frente às pantalhas de TV sintonizadas em programas de auditório liderados por modelos carreiristas, nos vários sentidos do termo. Mas a variedade sociológica de espécies sobrevive em harmonia apenas pela unidade religiosa em torno de seus templos, que aqui são chamados de Shopping Centers. Todos com nome em inglês e ícones da cultura norte-americana, entre eles uma enorme estátua da liberdade, quase um santo barroco em frente à paróquia cujo nome não poderia ser diferente: *New York City Center*. Mas ainda há o Barra Point, o Barra Garden, o Barra Business e muitos outros. Diferentes igrejas para a mesma fé, representada por sua trindade sagrada: consumo, aparência e ignorância.

O sobrenome do bairro está relacionado à origem de grande parte dos moradores, conhecidos pelo conservadorismo acrílico, aquele que sustentou a marcha da família com Deus pela tradição e propriedade durante o golpe militar no Brasil. São os tijucanos, bravos defensores da moral e dos bons costumes, responsáveis pelo maior êxodo urbano da história do Rio de Janeiro, motivado pelo vertiginoso aumento da ocupação das encostas de sua terra natal por favelas. Nos últimos trinta anos, a Tijuca se mudou para a praia. E com ela vieram os valores que sustentam seu modo de vida.

Valores inscritos nas grades dos condomínios fechados, na ausência de esquinas, nos *coiffeurs* neuróticos, nos motoristas de madame, nos vendedores de cofres, nos *poodles* enfeitados. Os mesmos que cagam o passeio público em frente às coberturas luminosas, entre elas a que pertence ao dono da Universidade Bartolomeu Dias, para quem nada disso tem a menor importância.

Do escritório da acrópole personalizada, Jaime Ortega comanda seus negócios - entre eles, a universidade - como se de fato estivesse no convés de um transatlântico. Sempre chama a atenção do interlocutor para isso. Gosta de vestir a farda imaginária, conduzir o leme retórico. As metáforas marinhas dominam o discurso: *Somos como o Queen Mary. Cento e quarenta mil alunos aqui no Rio. Cinquenta campi espalhados pelo Brasil. Unidades no Paraguai e no México. Para virar a bombordo temos que mobilizar toda a estrutura e isso demora muito. Precisamos dar um jeito de ter a agilidade de uma lancha.* Sente-se o almirante Néelson da educação. Navega em cabotagem, cabotino, absoluto.

Também faz reuniões no andar de baixo do apartamento, onde, além da cozinha e da piscina, há duas enormes salas, uma delas, a de jantar, com pé direito duplo, coberta por um vitral francês que garante a luminosidade natural. No chão, pequenos mosaicos romanos formam um desenho abstrato, delimitando a fronteira com o jardim de inverno. Senta-se sempre na cabeceira. De frente para o mar, claro. Seu prato jamais é o mesmo servido aos convidados. É vegetariano, não consome sal nem açúcar, mas não impõe sua dieta aos outros comensais. Só os sucos de fruta e refrigerantes *diet* são obrigatórios.

Os seis ou sete executivos mais próximos costumam levar personalidades para almoçar com o patrão. Atores, presidentes de empresas, políticos, escritores, jogadores de futebol e diretores de TV são frequentadores assíduos. Jaime Ortega costuma convidá-los para conferências, seminários, colóquios, ou simplesmente para lecionar na universidade. As parcerias sempre rendem um bom marketing.

No escritório, atrás da cadeira de espaldar alto estão milimetricamente organizados os mais de oitocentos CDs de MPB, além de coleções de boleros, jazz e óperas. À direita, uma tela de cristal líquido ligada a um computador de última geração. À esquerda, alguns livros empilhados caoticamente na estante de vidro, a maioria gramáticas, dicionários e manuais dos mais variados tipos. Diversas edições do código penal ocupam a parte inferior do móvel. A velha mesa de jacarandá ainda é dos tempos da fundação da primeira faculdade, a de Economia, no ano de 1970, em um sobrado do bairro da Lapa. Eram apenas 40 alunos e uma sala de aula. Ortega era professor de

Cálculo na PUC e conseguiu abrir a escola graças ao auxílio de uma tia, que trabalhava no Ministério da Educação. Daí para criação de outros cursos não demorou muito. Em poucos anos, já eram seis, entre eles o de Comunicação Social, sua verdadeira paixão.

Dos 17 aos 20 anos de idade, trabalhou como repórter na Rádio Nacional, assessorando um famoso locutor esportivo e policial. Nunca teve dúvidas sobre a vocação para o jornalismo. Era ágil, dinâmico, curioso. Detestava rotinas. Cansava-se facilmente de gabinetes, burocracias, papeladas intermináveis, conversas fiadas. Preferia a perene novidade dos *fait divers*, como chamava as notícias do cotidiano. Tinha faro - um velho clichê da profissão - para as histórias inusitadas, surpreendentes, chocantes. Enfim, aquelas que vendiam jornal. Mas, com o tempo, a própria falta de rotina tornou-se uma rotina, e ele também se cansou das redações. Cansou, não desistiu. Ter uma faculdade de comunicação era uma forma de resgatar o passado.

Pelo mesmo motivo, abriu um curso de administração. Ortega foi diretor do maior banco do país. Começou como caixa, aos 21 anos, enquanto ainda cursava a faculdade de Economia. Em seguida, passou a gerente, foi promovido a coordenador regional, e chegou a ser o braço direito do dono da casa financeira. No auge da carreira, aos 29 anos, quando já era professor universitário, recebeu um presente do patrão. Ele pediu que o jovem assessor fosse a São Paulo procurar a mansão mais luxuosa do bairro dos Jardins para montar uma agência imponente, com o intuito de atender à classe mais abastada da cidade. Ao encontrá-la, Jaime levou o chefe para vê-la.

- Onde estão as chaves, meu rapaz?

- Estão aqui, doutor - respondeu Ortega.

- Fique com elas. Esta casa é sua. A partir de hoje quero que você conduza meus negócios em São Paulo.

A surpresa não poderia ser mais inebriante. Jovem, recém-casado, salário alto, poderoso, morando no lugar mais importante do país e tão bem tratado na empresa. Quem iria querer mais? Tinha uma carreira brilhante pela frente! Um futuro invejável! Uma ascensão meteórica! *Um... Ops...!?* Pensou novamente em clichês. E eles sempre vinham acompanhados da famosa rotina, a mesma responsável pelas desistências anteriores.

No dia seguinte, levou a mulher para conhecer o imóvel onde iriam morar. A reação foi óbvia. Deslumbramento, juras de amor, sorrisos indomáveis, abraços de liquidificador. Ela não se conteve e fez planos para os jardins, o salão de jogos, o hall de entrada e os próximos quarenta anos de felicidade bem remunerada.

À tarde, Ortega entregou sua carta de demissão para o patrão. *Mas o que houve? Você tem tratamento VIP aqui dentro!* O banqueiro estava aturdido, mas ao mesmo tempo intrigado com a petulância do garoto. Um pouco de audácia não fazia mal a ninguém. Ele mesmo havia desistido de uma sólida carreira de advogado para fundar uma pequena banca. O resultado: não tinha curso superior, mas era dono do maior banco do país. Se tivesse feito a faculdade, não chegaria até ali. Não foi à toa que a resposta do rapaz arrancou um sorriso de satisfação de sua face rosada. *É por isso mesmo. Eu sou tão bem tratado, que nunca mais sairei daqui. Melhor ir embora agora.*

Cinquenta anos depois, o dono da maior universidade do país lembraria dessa história para argumentar com um de seus mais importantes executivos, que tinha motivos análogos para deixar a instituição.

- Logo você, que é tão bem tratado?

- Pois é, Dr. Ortega, logo eu que sou tão bem tratado. – respondeu o professor Antonio Pastoriza.

Mas o pedido de demissão teria que esperar. Diretor da Faculdade de Psicologia, Pastoriza sempre tivera uma segunda função na Universidade Bartolomeu Dias, a auditoria interna, o que incluía desde a resolução de conflitos financeiros até investigações especiais determinadas pelo patrão. Aliás, por isso ele havia sido chamado para o almoço no latifúndio da praia. O assunto não poderia ser diferente. A imprensa estava massacrando a universidade. Culpavam a direção pelo incidente com a estudante Adriana Maia, baleada no campus Tijuca. Os dirigentes tinham sido avisados pelos traficantes que deveriam fechar as portas, pois haveria uma manifestação de protesto pela morte de um bandido em confronto com a polícia, mas resolveram liberar os alunos aos poucos, para não provocar confusão. Só que a letargia acabou em tragédia.

Para Ortega, no entanto, o acontecimento parecia ter razões bem diferentes. Ele não acreditava em coincidências, muito menos quando elas estavam relacionadas com o seu bolso. Por que o incidente teve lugar na mesma semana em que ele negociava a venda de parte da mantenedora da universidade para um grupo de empresários americanos? Os gringos não tocaram no assunto durante as reuniões de trabalho com os executivos da Bartolomeu Dias, mas, obviamente, foram informados de tudo. Muito bem assessorados por uma empresa de consultoria financeira com filiais no Brasil, eles se limitaram ao aspecto comercial da compra. O constrangimento estava do outro lado da mesa, na indisfarçável tensão de quem se dividia entre os dólares de Nova Iorque e o noticiário policial.

- Você não acha tudo isso muito estranho, Pastoriza? – perguntou Jaime.

- Francamente, acho que não, Dr. Ortega. Tiroteios são rotina no Rio de Janeiro, principalmente em favelas. E nosso campus está ao lado de uma das maiores. Essa teoria da conspiração não me convence.

O padrão arqueou as sobrancelhas, um de seus vários tiques nervosos, que significava discordância e impaciência. Ele gostava de sinceridade, mas ficava um pouco agastado quando a considerava excessiva. E chamá-lo de neurótico parecia realmente excessivo. Talvez nem fosse. Ele mesmo seria capaz de se diagnosticar, mas ouvir essa conclusão de alguém, até de um psicólogo, era um exagero. Ficou irritado. Muito irritado.

Tentou mudar de assunto.

- Você já acabou de ler aquele livro que te emprestei?

- Já, mas não gostei muito.

- Por quê?

- Como romance policial, a trama tem muito compromisso com a verossimilhança. Mas a realidade não é tão verossímil. O autor tenta imitar os clássicos do gênero, em que tudo tem que ser explicado minuciosamente, seguindo uma lógica positivista. Talvez isso funcione na Inglaterra, mas não no Rio de Janeiro. Aqui, o crime tem contornos inacreditáveis, próximos do fantástico. Nossos bandidos rompem todos os limites da realidade. Parecem personagens de um best-seller barato, daqueles em que carros voam e helicópteros resgatam presidiários.

- Bom, nesse caso você está entrando em contradição ao dizer que minha hipótese sobre o tiro no campus é absurda.

- Não foi isso que eu disse. Só achei que a conclusão era muito conspiratória.

- Você acha mesmo que eu estou delirando? Então dá uma olhada nisso.

Ortega socou a mesa e largou um pedaço de papel amassado sobre o cinzeiro. Pastoriza abriu a folha lentamente, leu com atenção o que estava escrito, mas não entendeu absolutamente nada. O que poderia ser aquilo? Um enigma? Uma mensagem? Um poema de mau gosto? Ou o homem enlouquecera de vez?

- Esse papel estava na mão da menina quando ela foi socorrida. Descubra o que significa! – disse o Reitor.

Pastoriza ficou ainda mais confuso com a informação.

2 – OS DEPARTAMENTOS

A menos de três quilômetros da cobertura de Jaime Ortega, uma voz rouca podia ser ouvida pelo interfone da casa 17 do condomínio de luxo Santa Genoveva. Como em tantos outros da Barra da Tijuca, o acesso só era permitido após a identificação do visitante na cancela da guarita. Uma falsa segurança, já que muitos condomínios tinham histórias de assaltos, roubos de carro e até seqüestros. A medida servia apenas como proteção ilusória para os moradores. Eram ilhas da fantasia construídas sob a promessa da invulnerabilidade mediada por fios de fibra ótica.

- Sou eu, chefe. O Lucas.

Do outro lado da linha, o silêncio do condômino fez o guarda pensar que o aparelho estava quebrado. Ele ainda bateu com o cassetete no fone duas vezes antes de ouvir algum som. Ficou surpreso com a agressividade da resposta. O morador da casa 17 tinha fama de boa praça. Era simpático, sempre gentil com os funcionários e distribuía sorrisos obesos pela vizinhança. Mas, naquele dia, parecia bem diferente.

- Você é um idiota! Vá procurar o sub-reitor e não volte mais aqui!

Lucas engoliu o constrangimento e embicou a moto velha em direção à Avenida das Américas. *Quem esse gordo pensa que é?* Praguejou não apenas contra o homem que o havia contratado, mas contra a própria estupidez. *Eu sou um idiota mesmo!* Não era a primeira vez que se sentia humilhado ou que reconhecia ter sido incompetente, mas agora a situação era mais grave. O serviço do dia anterior estampava as primeiras páginas de todos os jornais. A menina em quem atirara estava em estado grave no hospital e corria o risco de ficar tetraplégica. A mídia pressionaria a polícia a encontrar o culpado, o que não seria difícil, pois ele era conhecido na universidade. Lembrou das câmeras do campus e novamente lamentou ter o raciocínio tão limitado. Precisava sair da cidade, mas ainda não recebera a segunda metade do pagamento.

Filho de agricultores do norte fluminense, Lucas seguia o padrão da imigração para os grandes centros urbanos: sub-emprego, baixa educação e barraco em favela. No caso dele, a ironia é que a comunidade em que morava tinha o nome de Cidade de Deus, quando a única herança que recebera dos pais tinha sido o ateísmo. Não gostava de padres nem de pastores. Muito menos de carolas e beatas rezadeiras que viviam pelos becos da favela tentando arregimentar fiéis para suas igrejas. Aprendera a confiar

apenas em si mesmo e na Colt cromada calibre 45 que carregava na cintura. Ou seja, encarnava o clichê melodramático de qualquer assassino de aluguel.

O homem gordo era seu patrão havia dois anos. Na primeira vez, o serviço fora fácil. Precisou apenas fazer o vestibular de direito do campus Piedade da Universidade Bartolomeu Dias. No começo, ficou confuso com o trabalho. Afinal, era analfabeto e, portanto, não tinha a menor condição de passar na prova. Mas assim que saiu o resultado, entendeu bem a trama. Podia ser ignorante, mas burro não. A única ordem do gordo era jamais contar a ninguém que eles se conheciam.

Lucas passou em décimo oitavo lugar no vestibular. Na verdade, foi o décimo oitavo aprovado para o curso de direito e só havia dezoito candidatos. Mas a imprensa não queria saber disso. Tampouco importavam o fato de a prova ser exclusivamente de múltipla escolha ou a impossibilidade de matrícula sem o diploma de segundo grau. A notícia já estava pronta: *Analfabeto aprovado no vestibular*.

O assunto repercutiu durante meses na mídia. As televisões veicularam reportagens durante um mês. Os principais jornais do país fizeram cadernos especiais sobre educação. Uma revista semanal investigou a vida dos donos das maiores universidades privadas do Brasil. As regras do vestibular mudaram. A redação passou a ser obrigatória. Mas o estrago maior foi na imagem da Bartolomeu Dias, cujos alunos passaram a ter vergonha de se identificar na rua. Se até um analfabeto podia entrar naquela faculdade, imaginem o nível dos estudantes? Era a pergunta cruel que eles tinham que ouvir. Milhares de carreiras foram interrompidas pelo estigma daquele vestibular.

Lucas se tornou uma celebridade. Não foi à toa que Adriana o reconheceu durante a perseguição no Morro do Borel. Dois anos antes, ele dava entrevistas e participava de programas de televisão. Mas sua maior surpresa fora descobrir que o homem que o havia contratado trabalhava na própria universidade que estavam difamando. O encontro ocorrera três dias após a primeira reportagem de TV, na sede da mantenedora. Mas ele mantivera o trato e agira como se não conhecesse ninguém, aceitando a proposta feita pelos dirigentes da instituição.

Por idéia da Diretoria de Marketing, ocupada pelo gordo, o analfabeto não só ganhou um emprego na Bartolomeu Dias como também uma bolsa de estudos em um curso de alfabetização para adultos, criado especialmente após o incidente. Receberia um salário mínimo, mas isso não seria problema, pois seu verdadeiro patrão completaria os rendimentos com uma boa mesada, além de pagamentos extras por serviços

específicos. Entretanto, deveria obedecer única e exclusivamente a ele, embora, oficialmente, fosse alocado na sub-reitoria de Ciências Humanas.

E era justamente para a sub-reitoria que ele se dirigia, após deixar a portaria do condomínio do gordo.

Acelerou pela Avenida das Américas até a Unidade Barra, que ficava a menos de dois quilômetros dali. Cruzou a pista no último sinal antes do shopping, entrou pelos fundos do Clube Equestre, ao lado do campus, e estacionou na garagem dos funcionários. Percorreu o canteiro de margaridas com passadas largas e nervosas, atravessando a cantina e a Central de Informações sem ser reconhecido. Pegou o elevador até o último andar e seguiu direto para o gabinete do sub-reitor, que já o esperava. Não precisou nem ser anunciado pela secretária, que havia saído para o almoço. Foi recebido com novas ofensas.

- Você sabe que fez uma grande merda, não sabe, Lucas?
- Não foi minha culpa, professor.
- Então foi de quem, porra?
- A menina me deixou nervoso.
- Mas precisava atirar no meio do campus? E ainda por cima foi filmado pelo circuito interno! Puta que pariu!

As sub-reitorias haviam sido criadas pelo próprio Jaime Ortega, em uma tentativa de dar agilidade à administração acadêmica da universidade. Eram quatro: humanas, jurídicas, tecnológicas e médicas. O objetivo era a divisão em setores independentes de ensino, com autonomia para gerir currículos e professores. Na prática, funcionavam como quatro reitorias de fato, pois respondiam apenas ao conselho da mantenedora, formado por três homens da confiança de Ortega, que eram os verdadeiros mandatários da instituição. O chanceler, um velho professor aposentado da UFRJ, exercia apenas papel diplomático, não tinha nenhuma função executiva.

Abaixo dos sub-reitores, estavam os diretores das faculdades, e abaixo destes os coordenadores de curso, responsáveis diretos pela articulação com os professores. Entretanto, muitos diretores tinham acesso direto ao conselho e até ao dono da universidade, o que quebrava com frequência a hierarquia. Na verdade, isso era incentivado pelo próprio Ortega, cujas leituras de Maquiavel recomendavam não dar poder amplo e irrestrito a nenhum de seus subordinados.

Dessa forma, universidade e mantenedora formavam entidades nitidamente separadas. A primeira cuidava do ensino, a segunda da administração, ou seja, do dinheiro. Mas, obviamente, uma dependia da outra. Os diretores e sub-reitores sabiam que seus cursos deveriam ter superávit para receberem investimentos em laboratórios, eventos, publicações e outras atividades acadêmicas. Já os mantenedores se ocupavam também dos campi, da publicidade, dos contratos com bancos e patrocinadores, do shopping universitário, das clínicas e de outras atividades empresariais. Apesar do título de filantrópica, sem fins lucrativos, a Bartolomeu Dias tinha cinco mil funcionários e faturava novecentos milhões de reais por ano, sendo que parte desses rendimentos vinha de setores bem distantes do ensino. Poucas empresas no país apresentavam números tão elevados.

O sub-reitor de Ciências Jurídicas era o filho mais velho de Ortega, um promotor público que não tinha bom relacionamento com o pai. Sua sub-reitoria era a única que englobava apenas um curso, o de direito. Mas, em número de alunos, representava um terço da universidade. Os cursos jurídicos tinham alta lucratividade e estavam presentes em todos os campi. Demandavam basicamente professores e quadro negro, além de um pequeno escritório de prática jurídica, o que diminuía muito os custos. Eram os famosos cursos cuspe e giz. Sonho de consumo de qualquer faculdade privada. O único problema era a pressão da OAB, preocupada com o grande número de advogados despejados no mercado todos os anos. A maioria deles, despreparados, o que ficava comprovado pelo baixo índice de aprovação no exame da Ordem.

A sub-reitoria de Ciências Médicas também era ocupada por um professor ligado a Ortega. Na verdade, era o filho de seu médico pessoal, um cardiologista jovem e conceituado. Ele comandava as faculdades de farmácia, fisioterapia, odontologia, biologia, enfermagem e veterinária, além, é claro, da medicina. Entre suas atribuições também estavam dar suporte profissional às clínicas universitárias, comandar o hospital e fazer a ligação com os planos de saúde. Ainda assim, seu orçamento era controlado pela mantenedora, como, aliás, todos os demais.

Os outros dois sub-reitores haviam sido escolhidos pelo Conselho. Nas Ciências Tecnológicas, um introspectivo e obscuro professor de informática, cuja qualidade mais apreciada na instituição era o *software* de controle acadêmico que desenvolvera para a mantenedora. Nas Ciências Humanas, o publicitário Durval Santos, que interpretava o papel oposto no teatro das vaidades acadêmicas. Bonito, refinado e extrovertido, vestia-se com ternos italianos e aparentava pouco mais da metade dos seus cinquenta anos de

vida. Publicitário premiado em Cannes na década de oitenta, chegara na Bartolomeu Dias após uma denúncia de plágio em uma de suas campanhas de maior sucesso, para uma cervejaria belga. Processado, teve que mudar de profissão, e resolveu virar professor. Em dois anos, passou pelos cargos de coordenador de curso e chefe do núcleo de comunicação, antes de chegar a sub-reitor. Em todas as promoções, contou com a ajuda do conselho, mais precisamente de um de seus membros.

As aulas de Durval Santos eram as mais concorridas do curso de publicidade. Lecionava a cadeira de planejamento de campanha, que, para ele, significava apenas juntar duas ou três histórias e contar detalhes de como enganava concorrentes e clientes com seu charme. Exatamente o que o público queria ouvir.

- Em publicidade não existe ética, meus caros.
- Mas é preciso parecer ético, professor?
- Não, é preciso parecer genial.

Enchia os pulmões para falar da suposta genialidade. Nem o processo de plágio baixara seu convencimento. Considerava-se ainda mais genial por ter conseguido abafar o caso. Em dois anos de magistério, jamais aluno algum havia levantado a história em sala de aula. Muito menos os professores, a maioria antropólogos e filósofos que não tinham a menor idéia do que acontecia no mercado publicitário. Na nova carreira, achava-se ainda mais brilhante. Bastava ver o cargo em que estava.

A sala de vinte metros quadrados que ocupava no último andar do campus Barra era decorada com pôsteres de suas campanhas, fotos pessoais, pequenos quadros *naïf* e uma bandeira do flamengo. Nada condizente com o gosto fino do ocupante, mas devidamente ilustrado com troféus auto-referenciais. Na mesa, além do computador, algumas canetas *Bic*, livros diversos, folhas para rascunho, tabelas de *excell* e uma bola ortopédica anti-estresse. Dois arquivos, um armário, um frigobar e quatro cadeiras para visitantes completavam a decoração. Em uma delas, sentado em meia banda, Lucas estalava os dedos das mãos, sem coragem para pedir a bolinha emprestada.

- Professor Durval, o que vamos fazer?
- Que história é essa de vamos fazer?
- Mas...
- A tua estupidez não tem limite. Como é que você aparece aqui? Todo mundo já deve saber que foi você que deu o tiro no campus.
- Mas é que...
- E nem fez a porra do serviço!

- Isso não. Eu peguei a sacola.

- Mas a letra não estava na sacola, seu imbecil! Você nem se deu o trabalho de conferir. De qualquer forma, não conseguiria. Você é um analfabeto estúpido!

Lucas empalideceu de vez. Mesmo sem permissão, apanhou a bolinha e começou a apertá-la. Os dedos rígidos, o punho arqueado, as veias da mão salteando desarmônicas. A voz rouca entalada na glote. Durval levantou para pegar um refrigerante no frigobar. Abriu a lata, dividiu o conteúdo em dois copos de plástico, tomou o primeiro de um só gole e ofereceu o segundo a Lucas.

Enquanto ele bebia, leu a mensagem que acabara de receber no celular. Apenas duas frases. Palavras abreviadas, poucos verbos, pontuação desconexa, como convém ao tipo de linguagem inaugurado pela comunicação virtual. O suficiente para mudar a fisionomia amarga e o humor histriônico das últimas horas. Um sorriso sarcástico surgiu no canto da boca. Pausadamente, deu uma série de instruções ao subordinado. Na última delas, fez questão de ser enfático, mas sem demonstrar agressividade. Misturou os pronomes possessivos e de tratamento para parecer mais íntimo e informal.

- Você é um cara de sorte. Vamos resolver a tua situação. Mas eu quero a letra aqui até amanhã, no máximo. Fui claro?

-Sim, senhor!

Lucas saiu da sala com mais curiosidade do que raiva. O que havia naquela mensagem de celular para fazer Durval mudar de humor com tanta velocidade?

3- A EMPRESA

Pastoriza olhou de novo para o papel. Nada fazia sentido. E não se referia apenas ao conteúdo indecifrável. Havia muitas outras dúvidas. Que interesse a estudante baleada poderia ter naquele trapo? Se estava tetraplégica, como conseguira segurá-lo até chegar ao hospital? Quem enviara o papel para o Dr. Ortega? E como ele sabia que era importante?

Pensou em entrar no elevador e voltar para o apartamento do patrão, mas desistiu da idéia. Pegou o carro no estacionamento de visitantes e seguiu em direção à mantenedora. Saiu pela pista interna da avenida da praia, fez o primeiro retorno e continuou pela pista externa, ao lado do mar. O vidro fumê tornava aquele trajeto ainda mais interessante. Além de protegê-lo do sol, propiciava um anonimato compensador. Sempre reconhecia duas ou três alunas entre as dezenas de cocotinhas que corriam pelo calçadão de manhã. Quando isso acontecia, ligava o pisca-alerta, diminuía a marcha e dirigia em velocidade mínima, acompanhando a corredora.

Poucas vezes fora surpreendido por alguém que reconhecesse o automóvel. Nessas ocasiões, o destino era certo: o simples voyerismo evoluía para um caso secreto e proibido, daqueles que povoam o imaginário tanto de professores como de alunas. Encontros furtivos, olhares confluentes, cumplicidade. Os romances eram curtos, mas os enredos eram criativos. Lembrou de um deles, com uma menina de dezenove anos, que morava em Olaria, no subúrbio da cidade. Na véspera do dia dos namorados, ela resolveu fazer uma surpresa e espalhou dezenas de bilhetes pelo campus com pistas para ele perseguir, como se fosse uma caça ao tesouro. Ninguém poderia imaginar que o diretor da faculdade de psicologia se submeteria a uma fantasia tão primária. Mas o motivo de sua excitação era justamente o primarismo, a ingenuidade, a singeleza.

Entretanto, preferia a distância. A observação revelava prazeres que podiam ser destruídos pelo contato físico. E, na posição que ocupava, só se arriscaria em situações realmente excepcionais, daquelas que turvam o pensamento e produzem a embriaguez terminal dos sentidos. Situação, aliás, na qual se encontrava, mas que preferia esquecer. Pelo menos, por enquanto. Precisava se concentrar no trabalho, na missão que acabara de receber.

Pisou no acelerador e não olhou mais para a praia. Quinhentos metros à frente, virou à esquerda na ponte Lúcio Costa, atravessou o Canal de Marapendi e voltou para a Avenida das Américas. Depois de passar por três supermercados, dois shoppings, quatro revendedoras de carros importados e duas agências bancárias, tudo isso em uma espaço de pouco mais de um quilômetro, cruzou a pista para o lado oposto ao campus Barra, onde ficava a mantenedora da universidade.

Parou na garagem, desligou o motor, mas permaneceu imóvel. Parecia não acreditar nos últimos pensamentos. *Missão? Trabalho? Isso está ficando muito burocrático!* Nunca imaginara tornar-se um executivo. Na verdade, vinha fugindo de qualquer coisa semelhante durante a vida inteira, mas, paulatinamente, a função acabara se incorporando à sua rotina. Lembrou do slogan de um famoso comercial de TV: *tá na hora de mudar seus conceitos!*

Aos quarenta e dois anos, Antonio Pastoriza era um dos psicanalistas mais conceituados do Rio de Janeiro. Doze livros publicados. Mestrado na PUC, doutorado na Sorbonne, pós-doutorado em uma importante universidade inglesa, cuja linha de pesquisa era ferencziana. Para quem não conhecia, ele explicava, em poucas palavras, que o húngaro Sándor Ferenczi havia sido discípulo e contemporâneo de Freud. Mas era também seu principal crítico e o único que manteve o respeito e a amizade do mestre cuja teoria ele revolucionou. Ao contrário do pai da psicanálise, que se interessava fundamentalmente pelas neuroses cotidianas, Ferenczi encarava pacientes psicóticos, os chamados casos difíceis na literatura médica. E, fundamentalmente, pregava uma postura diferente do analista perante o cliente. Para ele, não poderia haver distanciamento entre ambos e a relação deveria ser de absoluta sinceridade e despreendimento. Claro que os conceitos eram muito mais complexos, mas Antonio gostava de ser claro com os leigos. Tentava simplificar sem vulgarizar.

Cobrando trezentos reais a hora, o ferencziano Pastoriza conquistara clientes entre os mais ricos empresários, industriais, políticos, socialites e artistas da cidade. Entre eles, o dono da Universidade Bartolomeu Dias, de quem tratou durante dois anos. Ao final da última sessão, Jaime Ortega fez a indecorosa proposta que mudou sua vida.

- Se você atendesse apenas depois das cinco da tarde, quanto deixaria de ganhar por mês?

Pastoriza fez os cálculos rapidamente, chutando um pouco para cima. Ortega aumentou a aposta.

- Eu pago três vezes isso para você dirigir a minha faculdade de psicologia. E só precisa trabalhar até as quatro da tarde.

Convite aceito, Pastoriza fez transformações radicais no curso. Mudou currículos, trocou professores, criou laboratórios, montou clínicas, organizou congressos, incentivou pesquisas. Desalojou os cognitivistas, chamados por ele de treinadores de gente, domou os freudianos radicais e implementou o pensamento de Ferenczi como linha mestra, embora houvesse abertura para autores próximos, principalmente filósofos. Também escreveu pessoalmente as ementas de diversas disciplinas obrigatórias, inclusive duas que abordavam especificamente as obras de Guattari e Winnicott, outros dois pensadores admirados pelo novo diretor.

Em pouco tempo, seu trabalho chamou a atenção da comunidade acadêmica. Havia um grande frisson na psicologia da Bartolomeu Dias. Professores de outras universidades queriam lecionar lá. Psicanalistas famosos também. As clínicas estavam cheias. As pesquisas eram premiadas. O prédio da psi tornou-se o novo *point* da juventude dourada carioca. O número de alunos quintuplicou em menos de três anos. O visionário Jaime Ortega recuperou seu investimento com sobras. Muitas sobras.

Mas para Antonio Pastoriza não foi um negócio tão bom assim. Concentrou-se tanto no novo empreendimento que acabou deixando o consultório de lado. No começo, chegava às cinco da tarde, depois passou a chegar às seis, em seguida às sete. Logo, apareceria apenas duas ou três vezes por semana, reduzindo o número de clientes a um pequeno grupo de tenazes discípulos que se sujeitavam a serem atendidos no horário que ele pudesse, não importando a falta de regularidade.

O problema não era financeiro. Nesse campo, estava até melhor. E ainda acumulava o cargo de auditor interno, que também lhe rendia um bom dinheiro. Tampouco estava preocupado com a clientela, pois o trabalho na universidade tornara-o ainda mais famoso e não seria difícil encher o consultório novamente. Sua grande questão era ter abandonado o projeto de escrever um novo romance.

Sim, Antonio Pastoriza também era romancista. Sem talento. Sem ambição. Sem a verve lírica dos bons escritores. Mas, ainda assim, romancista. Na verdade, todos os seus doze livros versavam sobre psicologia e destinavam-se ao público acadêmico. Mas, sob a proteção de pseudônimos, ele se arriscava no tortuoso caminho da literatura. Imigrante espanhol, filho de um pescador galego e de uma camponesa, só escrevia e publicava ficção na língua materna. Sempre com o cuidado de não ser identificado. Seus editores do outro lado do Atlântico tinham ordens expressas de manter o anonimato do

autor de duas novelas que haviam merecido críticas até razoáveis na imprensa espanhola, como *O Retorno de Kalu* e *O Pompilho*. Nenhuma delas, no entanto, fora traduzida para o português. Três das melhores editoras brasileiras haviam recusado aqueles textos demasiadamente iconoclastas e avessos a academicismos. Talvez influenciadas pelos resultados pouco animadores nas vendas em terras espanholas: nenhum deles ultrapassou os dois mil exemplares.

O fato é que não se tratavam propriamente de romances, mas sim de um gênero que ele apelidou de ficção jornalística, termo redundante, porém preciso. Toda sua prosa se baseava em reportagens de jornais, às quais ele acrescentava elementos e personagens ficcionais. Não tinha compromissos nem com a literatura nem com a realidade. Só com a imaginação, a invenção, a farsa. Sua linguagem era trivial mesmo, sem qualquer tipo de recurso estilístico. Além de misturar tempos verbais, abusava dos adjetivos e dos clichês, principalmente na construção dos personagens. Não entendia a obsessão dos escritores em evitá-los. Se as pessoas quase sempre confirmam os clichês sobre si mesmas na vida real porque as personagens de ficção seriam diferentes? Só se fosse para agradar aos críticos e aos doutores em Letras. Mas esse tipo de gente não teria o mínimo interesse em ler seus livros.

Quanto ao uso de adjetivos, tinha uma razão ainda mais prosaica para apreciá-los: sempre lembrava de um programa de entrevistas da década de 1970, comandado por Otto Lara Resende, em que o poeta Mário Quintana havia elogiado a atriz Bruna Lombardi por causa de uma carta endereçada a ele com a frase *Não posso dar adjetivos a um homem tão substantivo*. Como não tinha a beleza do poeta nem a inteligência da atriz, ficava com os adjetivos. Entre eles, o que mais gostava: idiota. Exatamente como se sentia naquele exato momento, em uma garagem escura, sozinho, trancado no carro, divagando sobre a vida. Era um perfeito idiota. Nos últimos anos, não escrevera uma linha sequer. Agora, seus clichês e adjetivos correspondiam a três auto-definições extremamente depreciativas para ele: transformara-se em um executivo de sucesso, alcagüete profissional e dublê de detetive.

Quando saiu do carro, imaginou estar no enredo de um romance policial barato. Fazer auditorias era uma coisa, investigar crime era outra. É verdade que havia bandidos na universidade, alguns até desmascarados por ele. Mas nada relacionado com tiros, enigmas e sangue. O enredo ficara pesado demais. Precisava da ajuda de um detetive de verdade.

Pegou o elevador até o décimo andar, sede da presidência da mantenedora. Na recepção, a jovem secretária, vestida com uma micro saia azul e uma blusa decotada branca com a logo da universidade em cinza, deslizou pela cadeira, apertou os olhos e molhou os lábios semi-abertos com a ponta da língua. Em seguida, descruzou as pernas, levantou-se lentamente, puxou dois centímetros de saia para baixo como se fosse possível cobrir as coxas halterofilistas, caminhou em direção à porta, esticou a panturrilha para ficar na ponta do salto fino e marcou a face de Pastoriza com dois beijos úmidos e vermelhos.

- Oi professoooooor!

Não houve resposta ao cumprimento. O silêncio estendeu-se aos demais visitantes que aguardavam sentados. A menina ainda deu uma pequena volta em torno de si mesma para mostrar o modelito, o que agravou o torpor coletivo.

- Gostou da ropitcha?

A pergunta tinha endereço fixo, mas todos responderam afirmativamente, como se participassem do diálogo, na verdade um monólogo, balançando os queixos quase descolados do maxilar.

- Foi o pessoal da faculdade de moda que desenhou. Eu adorei! – disse a secretária, já anunciando a presença do diretor do curso de psicologia no interfone.

Apenas seis executivos trabalhavam na presidência da mantenedora. Os três membros do conselho, o chefe da segurança, o chanceler e a presidente. Os dois últimos com a mesma função decorativa, ou seja, apenas representar a universidade em eventos e solenidades. Pela chancelaria já haviam passado deputados, ministros, generais e até embaixadores, enquanto a presidência era exercida por uma pedagoga conhecida, que havia sido contratada junto à principal concorrente da Bartolomeu Dias, onde ocupava a reitoria.

Mas não era com a presidente que Pastoriza queria falar, e sim com o chefe da segurança, o detetive Rover, cuja sala ficava ao lado. Coincidentemente, ele acompanhara toda a cena anterior, pois havia chegado à sede da presidência alguns segundos depois de Pastoriza, bem a tempo de ver o desfile pela porta de vidro.

- O Rover está bem aí atrás do senhor. – apontou a menina.

Cumprimentaram-se sem muito entusiasmo, ainda atônitos, evitando comentários. Entraram na terceira sala à direita. O detetive puxou uma cadeira para o visitante e sentou-se na poltrona atrás da mesa, ao lado do computador. Apertou uma tecla para visualizar as mensagens recebidas, mas sequer olhou para a tela. Puxou a agenda

impressa em uma folha A4 que estava na gaveta, apanhou o lápis HB no estojo, deu um grave suspiro e olhou firme para Pastoriza, como se fosse contar um segredo ancestral.

- Como é boa a nossa faculdade de moda!

Ambos caíram em uma sonora e perene gargalhada.

- Eu diria que é um curso de excelência!

Nova gargalhada. E outras frases de efeito, trocadilhos infames, piadas duvidosas e comentários machistas continuaram a ser destilados durante alguns minutos. Era uma pausa para a conversa tensa que viria a seguir.

- Eu sei o que te traz aqui, Pastoriza.

- Pois é, Rover. Preciso da tua ajuda. Não sou policial. O Dr. Jaime me botou nessa roubada. Ele quer que eu descubra quem atirou na menina e por quê. Não sei nem por onde começar.

- A coisa é grave mesmo. A pior crise da universidade. A imprensa está em cima e o MEC pode até fechar o campus. – disse o detetive.

- Porra, é o nosso maior campus. O prejuízo seria absurdo. Aliás, o patrão acha que o fato pode ter relação com a negociação com os americanos. – acrescentou Pastoriza.

- E você acha que ele vai vender mesmo?

- Pela lei, só pode vender trinta por cento das cotas para estrangeiros. Mas já daria um gás financeiro para a empresa. Não só evitaria a falência, como ainda sobraria dinheiro para novos investimentos.

Rover pegou a folha de papel e começou a fazer uns cálculos no verso.

- O problema, Pastoriza, é que nem todos os diretores são como você. Só pensam em gastar, não se preocupam com a receita. Não dá para dirigir uma faculdade particular sendo apenas acadêmico. Tem que administrar também. Olha isso aqui: sessenta por cento dos nossos cursos são deficitários.

Pastoriza ficou surpreso com a precisão daqueles números.

- Para o chefe da segurança, você até que sabe muito sobre finanças!

- Informação é sinônimo de segurança, meu amigo. Tenho que estar atento. Aliás, a fonte desses números é você. Estão na auditoria do final do ano.

- Tem razão. Esqueci que você tem acesso a eles.

- E tenho outras coisas que vão te interessar muito.

Da enorme pochete azul presa na cintura, quase um baú abdominal, Rover tirou um CD com a inscrição *Imagens da câmera de segurança*. Pastoriza nem respirou. Sabia que o sujeito era competente. Conhecia-o desde quando descobriram a primeira fraude

na universidade, dois anos antes, na clínica de psicologia, que era coordenada por um amigo da família Ortega. Mas a velocidade com que sacou aquele CD da bolsa deixou-o visivelmente impressionado.

- Vamos ver o rosto do meliante. – anunciou Rover, triunfante, caindo no velho jargão policial, enquanto colocava o disco para girar no computador.

O problema é que ele não contava com um pequeno imprevisto.